



Chrys Chrystello\*

## A minha casa, a nossa casa

Como vivo nos Açores devia começar por mudar o título para um mais possidónio e parolo “my/our house”, que dá mais sainete e atrai mais parolos.

Até teria razões de sobra para o fazer, sou totalmente bilingue e tenho dupla nacionalidade australiana e portuguesa.

Também o poderia fazer de forma ecológica numa das lagoas da ilha, convidando a RTP Açores e alguns partidos preocupados com a causa para o evento.

Estamos na habitual estação da insanidade a que chamam “silly season” e em que diariamente aparecem nos jornais e telejornais as coisas mais estapafúrdias que se possam imaginar, fruto de mentes delirantes devido à vaga de calor que assola a Ibéria. Todos os dias surgem novelas de jogadores de futebol, atores e atrizes, “famosos”, e os mais diversos eventos a que chamavam “fait divers”, meros aperitivos, ou, como uma prima minha lhes chama, “petits riens”.

Ora bem, quando contei da última vez, tinha vivido de forma caseira em – pelo menos – 23 casas. No Porto, na que nasci, até aos 4 anos e meio; noutra até aos 9; depois, entre 1958 e 1972, noutra (a minha mãe viveu lá até falecer em 2021); depois, na tropa, Mafra, Tomar, Leiria e Timor (na

Petro Timor e na SOTA). Em Bali (Kuta Beach e Legian). De novo no Porto e em S. Martinho do Porto; em Macau, em dois prédios, entre 1977 e 1982; na Austrália, em Perth (Cottesloe e Claremont), Sydney (Waverley Centennial Park e Randwick), e Melbourne (Prahran). Por fim, de novo no Porto, Caminha, e Bragança (2002-2005). Desde então, e entrei no 18º ano, vivo na Lomba da Maia (São Miguel, Açores), e era a este ponto que eu queria chegar; nunca vivi numa casa tanto tempo, nunca me senti irmanado com um edifício como me sinto com este, como se tivesse sido feito por alfaiate por conta e medida para me sentir nela como numa segunda pele. Isso constitui, per se, uma inolvidável novidade, um sentimento de pertença a um lugar. Não nasci na ilha, mas a ilha nasceu em mim.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713  
(Australian Journalists' Association MEAA)



Daniel Bastos

## Mandem Saudades

No decurso dos últimos anos o acervo bibliográfico sobre o fenómeno migratório tem sido profusamente enriquecido com o lançamento de um conjunto significativo de livros que têm ampliado o estudo e conhecimento sobre a história da emigração portuguesa.

Um dos exemplos mais recentes, que asseveram a importância destas obras na análise e compreensão da emigração nacional, encontra-se vertido no livro *Mandem Saudades, Uma Longínqua História de Emigração*, da autoria do jornalista de cinema, escritor e apresentador de televisão Mário Augusto.

A obra, lançada no mês passado com a chancela da Fundação Francisco Manuel dos Santos, cuja missão visa promover e aprofundar o conhecimento da realidade portuguesa, procurando desse modo contribuir para o desenvolvimento da sociedade, o reforço dos direitos dos cidadãos e a melhoria das instituições públicas, aborda a história de cerca de 27 mil portugueses, que, no final do século XIX e até 1913, fizeram uma longa rota de emigração para o meio do Pacífico.

O livro do jornalista português que mais estrelas de cinema entrevistou para a televisão, coincidente com a data em que há 25 anos o então jornalista da SIC revelara o seu documentário sobre a emigração portuguesa no Havai, revive a saga da emigração lusa para este arquipélago norte-americano, cuja capital e maior cidade é Honolulu.

Um fluxo migratório que, como assevera Susana Caldeira em *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*, começou “com o pri-

meiro grupo de 120 madeirenses que chegaram lá no dia 29 de Setembro de 1878, a bordo do navio Priscilla, respondendo a uma crescente demanda de mão-de-obra para as plantações de açúcar. Depois desse primeiro embarque, milhares de madeirenses seguiram o seu sonho de uma vida melhor no que eles chamavam a *Terra Nova*. De longe, o maior grupo de portugueses era oriundo da Madeira tendo, assim, constituído o corpo principal dos antepassados da comunidade portuguesa”.

É nesta primeira leva de emigrantes para o Havai, que, como revela o jornalista e escritor, “foi para o trabalho na cana-de-açúcar num esforço duro e violento. Ao fim de duas gerações já havia médicos e advogados”, se enquadra a trajetória migratória do afamado madeirense Manuel Nunes (1843-1922), marceneiro e fabricante, considerado o inventor oficial do ukulele, afamado instrumento musical havaiano.

Figura incontornável da história da emigração madeirense no ocaso do séc. XIX, Manuel Nunes tornou-se um dos mais importantes fabricantes de ukuleles e o seu inigualável labor manteve-se no mercado durante mais de quatro décadas, sendo que muitos dos seus instrumentos feitos à mão ostentam uma etiqueta onde se pode ler “M. Nunes, Inventor of the Ukulele and Taro Patch Fiddles in Honolulu in 1879”.

Numa época em que cada vez mais os cientistas sociais se debruçam sobre o fenómeno da emigração portuguesa, o livro *Mandem Saudades, Uma Longínqua História de Emigração*, de Mário Augusto, tem o condão de recordar e homenagear a diáspora portuguesa no Havai.